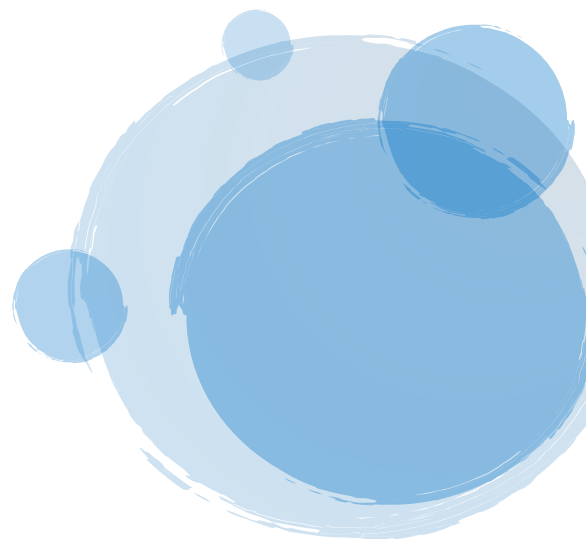




SoBraTA.org

**SOCIEDADE BRASILEIRA
DE TRANSTORNOS
ALIMENTARES**

- ALEXANDRE MENDES DE OLIVEIRA





Alexandre Mendes de Oliveira

CORPOS DISSONANTES

O peso da cultura sobre o sujeito gordo

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Transtornos Alimentares pelo Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Prof.^a. Bárbara Costa Andrada

Co-orientador: Prof.^a. Dirce de Sá Freire

Dezembro 2019

Dedico esse trabalho aos meus pacientes, os atuais e os que já passaram por mim em algum momento, são eles que dão sentido a minha vida profissional e me fazem querer ser melhor hoje do que fui ontem.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus pais, pelo trabalho incansável em formarem minha irmã e eu, fazendo de tudo para que tivéssemos uma profissão que pudéssemos nos orgulhar.

Obrigado aos amigos pela compreensão, já que precisei ficar mais recluso durante o tempo de especialização, assim podendo me dedicar mais aos estudos.

Agradeço aos mestres com quem tive o prazer de conviver ao longo desses quase dois anos na PUC-Rio, pela generosidade na transmissão de conhecimentos, nos mostraram muito mais do que conteúdo de estudo. Com certeza marcaram a muitos de nós, os levaremos conosco em nossa caminhada. Agradeço especialmente à coordenadora, professora e supervisora Dirce de Sá Freire, por valiosíssimas aulas, supervisões, mas sobretudo por insistir na manutenção da especialização em transtornos alimentares com foco em psicanálise, caminho esse tão importante e que vai abrindo portas, mantendo viva a transmissão de conhecimento através dessa teoria tão viva em dias atuais. Preparando dessa forma psicólogos e demais profissionais da área da saúde para atuarem no atendimento às pessoas que sofrem psiquicamente e são marcadas no corpo com os transtornos alimentares.

Resumo

Mendes de Oliveira, Alexandre. **Corpos Dissonantes e O peso da cultura sobre o sujeito gordo**. Rio de Janeiro, 2019. 39 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ser gordo nem sempre foi um problema na história da humanidade. Diante dessa afirmação esse trabalho busca entender um pouco a pressão cultural e social sobre a pessoa gorda, como fica evidenciado no fenômeno da lipofobia na cultura do século XXI. Há alguns fatores psíquicos que ficam proeminentes, como o narcisismo por exemplo. A autoimagem nunca foi tão reverenciada, alia-se tudo isso a questão de vivermos em uma cultura somática. O discurso da mídia que valoriza corpos magros e idealizados – seja por meio de palavras, textos, imagens ou vídeos - pode naturalizar e difundir o discurso lipofóbico. A pessoa gorda se vê pressionada muitas vezes pelo social, pela cultura, a ter que se adequar às expectativas sociais de emagrecimento, a fim de escapar do estigma social do corpo gordo. O estigma da gordura e a pressão social para o emagrecimento podem causar profundo sofrimento.

Além do estigma social que o corpo gordo carrega, há uma dimensão específica da contemporaneidade em torno da gordura corporal: trata-se dos processos patologização da gordura e medicalização de corpos gordos. Na contramão dessa cultura vem o movimento *fat pride* (orgulho gordo) que busca com que haja espaço e direitos para essas pessoas, que por vezes ficam à margem, estigmatizadas. O objetivo principal desse trabalho é trazer esse assunto para ser discutido por profissionais da área de humanas, da saúde, outros campos de saber, bem como a sociedade como um todo, para que possa assim repensar seu modo de funcionamento.

Palavras-chave

Lipofobia; Corpos gordos; Obesidade; Pessoas Gordas; Medicalização

Sumário

Introdução	7
1 Narcisismo e autoimagem	16
1.1. Cultura somática	21
2 Mídias	374
3 "Gordo?" Reflexões entre Normal e patológico	28
Conclusão	375
Referências	378

Lista de figuras

Figura 1 – Tumba do mergulhador.....	9
Figura 2 – Imperador Augusto de Prima.....	9
Figura 3 – Catarina de Siena	10
Figura 4 – Freak show. Cartão postal.....	12
Figura 5 – Freak show. Cartão postal.....	12
Figura 6 – Cindy Crawford. Capa da fita VHS da Revista Boa Forma	14
Figura 7 – Gisele Bündchen e modelos de Victoria Secret´s	15
Figura 8 – Narciso	18
Figura 9 – Campanha #wearebigandtall	27

Introdução

O corpo humano, desde os primeiros registros da história, sempre foi representado pelas artes e estas são a mais pura expressão da cultura humana. Foi possível, através da história da arte, observar as mudanças sociais e seus impactos na mentalidade das sociedades ao longo dos anos e séculos.

O corpo já foi retratado em pinturas, esculturas e mais recentemente em fotografias ou vídeos.

O conceito de corpo passa pela cultura, ele pode ser representado como objeto da arte, conforme já dito anteriormente, mas também pode ser objeto da medicina, ou representar uma parte muito importante da identidade das pessoas (como é o caso no século XXI).

Pode-se entender como cultura um conjunto de valores, representações, símbolos, tradições, ideias, costumes e práticas que se tornam características de um grupo, seja ele familiar, social, étnico, religioso e assim por diante. Esse conhecimento que se consolida com a cultura, nem sempre é formal, ele foi transmitido para as gerações seguintes no cotidiano: na conversa; nas atividades diárias; nas festas e comemorações; no exemplo das outras pessoas.

Ao longo de séculos o conceito de corpo ideal foi se modificando, sendo a cultura um fator fundamental para que essas mudanças ocorressem. O conceito de beleza sofreu alterações, ter um corpo gordo por exemplo nem sempre foi sinal de problemas, já foi sinal de status social e beleza. O que mudou então? Por que hoje o corpo gordo é visto pela cultura como um problema, ou como um corpo feio, desvalorizado?

Percorreremos um pouco sobre a história do corpo no ocidente, para tentar responder as perguntas acima e entender como se construiu o ideal de corpo no século XXI, tendo em vista que é essa a nossa herança cultural, de uma sociedade eurocêntrica e ocidental. A representação, o ideal de corpo, o ideal de beleza não é imutável, sofreu diversas alterações no decorrer de séculos.

Guerras, assimilação de nova cultura por conquistas de povos, ascensão de religiões, advento da ciência, chegada de computadores e internet foram fatores que provocaram imensas mudanças no pensamento e comportamento das pessoas, influenciaram diretamente sua cultura e conseqüentemente a forma de idealizar a beleza dos corpos.

O historiador e sociólogo Georges Vigarello (2012) nos traz uma dimensão importante da história do corpo ao fazer um recorte sobre a história do corpo gordo. Sua pesquisa se deu através da análise de documentos escritos, representações artísticas e demais registros. Demonstrando através de seu livro que este corpo já passou por ascensão e queda no que diz respeito a prestígio e beleza.

Del Priore e De Sá Freire (2005) trazem um recorte importante sobre a transformação do corpo gordo ao longo dos tempos também, porém o texto refere-se a corpos especificamente femininos.

Del Priore e De Sá Freire (2005) relatam que mudanças advindas também pela forma como a alimentação passou a se dar na Europa a partir do século XVII, por exemplo, com a introdução do açúcar e da batata na dieta das mulheres europeias influenciaram na transformação de corpos. As comidas ricas em carboidratos foram dando mais volumes aos corpos, pois antes as pessoas não tinham muitas opções de alimentos.

Na Grécia havia uma valorização do corpo pela saúde, capacidade atlética e fertilidade. Corpo e a mente brilhantes eram as metas a serem alcançadas. O corpo nu era objeto de admiração. A expressão e a exibição desse corpo representavam a saúde, o ideal de corpo para os gregos, que apreciavam um corpo saudável e de boas proporções, ou seja, simétrico. Para eles cada idade tinha a sua beleza própria e a harmonia estética, o físico e a inteligência faziam parte de uma busca por uma perfeição. Um corpo bonito era tão importante quanto uma mente prodigiosa. (BARBOSA, MATOS E COSTA, 2012)



Figura 1 – Tumba do mergulhador. Paestum, c. 470 a.C.

Disponível em <http://oridesmjrblogspot.com/2016/11/o-corpo-na-grecia-antiga.html>

Com a ascensão do império romano houve uma incorporação das formas artísticas gregas, a arte romana foi herdeira do ideal de beleza grego e ressaltou nuances opostas como nu e vestido, vida e morte. A arte era voltada para mostrar a força de Roma, centralizada principalmente na figura idealizada do imperador em monumentos e esculturas, mas podia-se observar também a força física dos gladiadores em algumas obras de arte. As forças física e política eram extremamente valorizadas em Roma e a arte era utilizada para reproduzir esses valores. (BARBOSA, MATOS E COSTA, 2012)

A imagem abaixo retrata, por exemplo, o imperador Augusto. Encontra-se hoje nos museus do Vaticano.



Figura 2 - Augusto de Prima Morta. 27 a.C. Disponível em Wikipedia.

No cristianismo o corpo passa a ser algo que precisa estar mais escondido, vestido silenciado. Há nesse momento uma separação entre corpo e alma, onde a alma é muito mais valorizada e o corpo passa a ser entendido como uma prisão para a alma, o corpo deve ser controlado, os prazeres são limitados. É preciso que o espírito resista aos prazeres da carne.

Na idade média a união da religião com a monarquia vai colocar mais rigidez moral e religiosa sobre esse corpo, este vai ser ainda mais controlado e será sujeito a punições. (BARBOSA, MATOS E COSTA, 2012)

Há nesse período, por exemplo, os jejuns prolongados que tinham como objetivo fazer sofrer a carne para purificar a alma. Como fazia a jovem Catarina de Siena, por exemplo. Uma moça extremamente religiosa do século XIV, membro da igreja católica, hoje considerada santa padroeira da Itália, juntamente com São Francisco de Assis. Através de

seus registros escritos demonstrou o funcionamento desse pensamento de que a purificação poderia se dar através do jejum prolongado, seria um sacrifício do corpo, para alcançar a purificação da alma.



Figura 3 - Catarina de Siena, de Carlos Dolci. 1665.

Disponível em: <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Carlo-Dolci/272684/Santa-Catarina-de-Siena.html>

Na era moderna a ciência ganha espaço e a carga religiosa deixa ter o mesmo peso. Saímos do teocentrismo para o antropocentrismo.

O corpo vai ser investigado, medido, calculado, até os exercícios físicos são calculados para obter o resultado esperado. Com a intensificação do capitalismo a partir do século XVII pode se observar o corpo sendo utilizado como propulsor de desenvolvimento, ele tem que ser saudável para produzir cada vez mais e melhor. (BARBOSA, MATOS E COSTA, 2012)

No século XVIII os olhares para o corpo passam a julgar a aparência e o problema com o peso passa ser mais crítico: a imagem do corpo ganha mais relevância e passa por julgamentos na mesma proporção que a imagem do rosto. Tanto corpo gordo como o magro passam por esse tipo de avaliação.

Barbosa, Matos e Costa (2012), afirmam que o corpo, a partir do século XVII, vai ser utilizado como motor para impulsionar o desenvolvimento, mas eles referem-se ao corpo masculino e de uma classe baixa, porque os corpos femininos e de classes mais elevadas seguiam outro encaminhamento, conforme nos informa Del Priore e De Sá Freire (2005) no segue no seguinte trecho abaixo:

“Nestas sociedades, o regime das elites ditava um ideal feminino que andava de par com a corpulência das grandes damas. Não havia formosura, sem gordura! E gordura era sinônimo de riqueza. Havia também uma correlação direta entre gosto alimentar e gosto sexual. Na poesia e na literatura do mesmo período, observa-se que os adjetivos empregados para designar a mulher amada e a comida são os mesmos: “delicada, gostosa, suculenta, doce, deliciosa” etc....” (Del Priore e De Sá Freire, 2005)

No século XIX tendo como base a ciência, com o avanço dos estudos na medicina, a gordura passa a ser vista como um perigo e catalogada pelos seus diversos graus, relacionando-se a várias doenças e assim tornado o corpo gordo mais “sensível às morbidades” (VIGARELLO, 2012, p. 230).

Para as mulheres no Brasil, Segundo Del Priore e De Sá Freire (2005), havia uma preocupação em engordar as muito magras, com medo que elas ficassem histéricas ou anêmicas, embora corpos gordos comecem a partir desse período a ter uma conotação negativa, muitos estrangeiros já começam a descrever o corpo gordo das mulheres brancas brasileiras como um corpo negligenciado, lembrando que o país ainda era escravagista, essas mulheres não faziam grandes esforços físicos. Porém a gordinha ainda era símbolo de fartura e beleza por aqui, pois era como um status para a aristocracia vigente. Significava que essa mulher pertencia a uma classe social privilegiada.

Na Europa o corpo sem gordura fica em evidência no século XIX a partir das dietas. Alimentos como açúcar, a farinha e o amido, considerados fonte de energia, passaram a ser restrição obrigatória dos hábitos alimentares. A exigência do emagrecimento só aumenta com o aumento do costume do banho de mar. Os regimes ficam mais evidentes. A partir do final do século XIX, o corpo gordo se torna assustador, a gordura passa a ser considerada uma anomalia e os gordos são expostos em feiras e circos, conhecidos como *freak show* (show de aberrações), como uma atração de aberração, por isso a monstruosidade. Esses shows começaram na Inglaterra por volta de 1770, mas foram levados para os Estados Unidos e se popularizaram no início do século XX. Expunham por exemplo pessoas com deficiências físicas, hermafroditas, ou como no caso abaixo, os muito gordos.

As pessoas eram desumanizadas, se apresentavam ali como objeto de entretenimento para o outro. Essas pessoas seguiam marginalizadas, não cabia a elas o meio social, os salões de festas, etc...



Figura 4 – Freak Show. Cartão postal do início do século XX. Autor desconhecido. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3283496/A-555-pound-woman-ate-10-000-calorie-DAY-diet-Zebraman-bearded-lady-Meet-sideshow-freaks-1930s-went-laughed-overnight-sensations.html>



Figura 5 – Freak show. Cartão postal do início do século XX. Autor desconhecido.

Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-3283496/A-555-pound-woman-ate-10-000-calorie-DAY-diet-Zebraman-bearded-lady-Meet-sideshow-freaks-1930s-went-laughed-overnight-sensations.html>

Com a entrada do século XX, a sociedade transforma o amedrontador corpo gordo em uma “esquisitice tolerada” no ambiente dos *freak shows*, agora passa ser uma preocupação cotidiana. A preocupação da medicina com a gordura se torna muito evidente nesse período. Da preocupação em emagrecer e manter-se magro a qualquer custo emerge o estigma do gordo. Nasce, então, não somente a questão das dificuldades com as dietas, mas a questão

psicológica da luta de um corpo gordo para se encaixar em um padrão magro. (VIGARELLO, 2012)

Na Europa inicia-se a moda dos ginásios. A mulher precisa, a partir desse momento, buscar um corpo delineado, através dos exercícios físicos, sejam eles bicicletas, esteiras, ou qualquer outro esporte. Começa também a moda de intervenções no corpo através de lipoaspirações, a gordura é sugada para fora, para que dessa forma esse corpo chegue ao ideal (DEL PRIORE e DE SÁ FREIRE, 2005).

Talvez ninguém retrate melhor o fim do século XX do que a modelo e atriz Cindy Crawford. Suas fitas VHS vinham de brinde na revista Boa Forma¹, nela Crawford dava aulas de exercícios físicos, demonstrando assim como todas as mulheres deveriam fazer para manterem-se magras e atléticas.

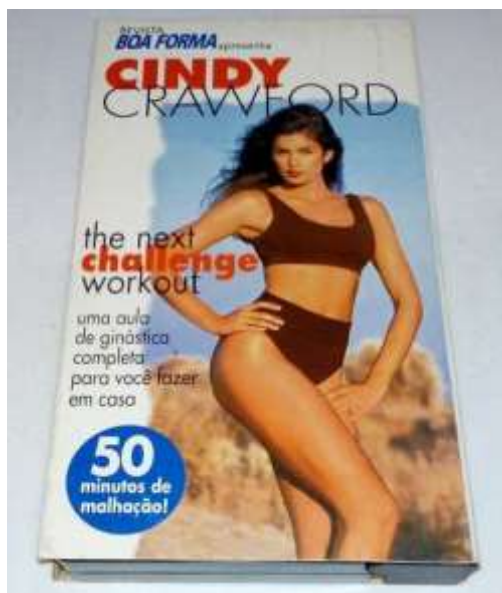


Figura 6 – Cindy Crawford. Capa da fita VHS da Revista Boa Forma. 1998.

Disponível em: https://www.fotografiaecompanhia.com/produto/fita-vhs-cindy-crawford-challenge-revista-boa-forma-1998_MLB1116060069

O mundo agora é globalizado, mas não há mais espaço para gorduras no corpo. O corpo gordo já teve seu lugar, sua valorização na história, mas no contemporâneo não mais (DEL PRIORE e DE SÁ FREIRE, 2005).

¹ Revista brasileira fundada em 1988. Voltada para o público feminino. Nela eram divulgadas dietas da moda, exercícios físicos e dicas de beleza em geral. Em sua capa sempre mulheres magras e atléticas, cultuando o corpo magro. Hoje a revista existe somente em meio digital, não mais impressa.

A valorização do corpo magro segue até o século XXI e se intensifica, nas passarelas são vistas modelos cada vez mais magras e estas se tornam referências de beleza. A maior representante do padrão de beleza na primeira década do século XXI pode-se dizer que foi a modelo Gisele Bündchen.



Figura 7 - Gisele Bündchen e modelos de Victoria Secret's. 2005.

Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/52424783133148738/>

A globalização disseminou muito a cultura norte-americana mundo afora com seus hambúrgueres, batatas fritas e refrigerantes. Comidas e bebida que hoje são grandes representantes dos alimentos mais calóricos e que fazem engordar aqueles que os consomem em excesso. A mesma mídia que vende a ideia de consumo desse tipo de alimento através da publicidade, também diz que as pessoas não podem se conformar em ter corpos gordos. É um discurso ambíguo, que inegavelmente causa sofrimentos, pois há a necessidade de se manter um corpo magro, por questões de beleza e ideal de corpo, mas vende-se o padrão de consumo de comidas hipercalóricas. Consuma, mas se controle, diz a mídia contemporânea.

O método de pesquisa será através de uma revisão da literatura pelo viés social, histórico e psicanalítico. Buscarei aqui falar sobre a relação que a sociedade eurocêntrica ocidental do século XXI tem com os corpos gordos.

O objetivo dessa pesquisa é podermos aprofundar, estudar as diversas influências sociais do meio em que o sujeito gordo vive. Estudar também os fatores psicológicos que ficam evidenciados numa sociedade que pode ser entendida como extremamente narcisista e lipofóbica, bem como os efeitos dessa influência cultural na subjetividade desses sujeitos.

O capítulo 1 busca, a partir do conceito de Narcisismo (FREUD, 1914), entender aspectos de uma sociedade cada vez mais centrada na autoimagem. Tendo como base a vivência do sujeito numa cultura somática e que é marcada pela lipofobia.

A Lipofobia não somente idealiza a magreza, ela também contém uma aversão ao corpo que não é magro, pode-se dizer que é um preconceito, pois há uma desvalorização de pessoas que tenham corpos que não se encaixam no padrão ideal de corpos magros.

Fenômenos da cultura somática e da lipofobia estão muitíssimo presentes na contemporaneidade e cada vez mais seguem marcando o corpo das pessoas. Os transtornos alimentares são um exemplo vivo dessas marcas somáticas, mas iremos nos ater a falar sobre o sujeito gordo.

O capítulo 2 aborda as mídias no século XXI. Tomarei como ponto de partida para essa discussão o conceito de sociedade do espetáculo (DEBORD, 1968) porém outros autores mais atuais também serão trazidos para falar sobre as mídias contemporâneas, que são as mensageiras dos valores culturais. Há um discurso explícito na cultura vigente que valoriza excessivamente o corpo e esse corpo tem que ser o magro, este está estampado tanto nas mídias tradicionais: Televisão, ou capas de revistas, bem como na internet e mídias sociais, impondo dessa forma um padrão idealizado de corpo. Observa-se também uma mudança na forma como as mídias estão funcionando, porque as pessoas, através da internet, não somente são receptoras de informações, como acontecia até o fim do século XX, elas também as emitem, podendo então influenciar outras pessoas. Sendo assim, as pessoas podem tanto propagar a libofobia, ou mesmo contribuir para tentar furar esse discurso, enaltecendo corpos antes eram estigmatizados.

O capítulo 3 enfoca no objeto de estudo desse trabalho, que é o sujeito gordo, observando o quanto esse sujeito segue estigmatizado, por haver o entendimento de que há um corpo normal a ser seguido como padrão. Aqueles que ousam ser gordos numa sociedade extremamente lipofóbica sofrem duras consequências. O discurso lipofóbico influencia diversos outros discursos, como por exemplo o da patologização, da medicalização e o da ditadura da magreza que é tão divulgada pelas mídias, seja a tradicional ou mídias sociais. Na contramão do discurso lipofóbico e medicalizante temos o movimento *fat pride* que busca promover desestigmatização, inclusão social e luta pelos direitos de pessoas gordas.

Por fim, o trabalho se conclui com a intenção de trazer para debate temas pertinentes ao século XXI. Para que todos os temas acima citados possam ser pensados por profissionais da psicologia, bem como demais profissionais de outras áreas e a sociedade como um todo. Visando sempre a saúde das pessoas.

1

Narcisismo e autoimagem

“Em 2017 dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS) indicavam que o Brasil está em segundo lugar no ranking de países que mais realizaram cirurgias plásticas naquele ano, perdendo apenas para os Estados Unidos. Nesse ranking de oito países que mais fizeram estão: Estados Unidos, Brasil, Japão, México e Itália – são responsáveis por 38,4% dos procedimentos estéticos de todo o mundo, seguidos por Alemanha, Colômbia e Tailândia.”²

Os dados citados³ acima demonstram ser um indicativo de que muitas pessoas seguem insatisfeitas com sua autoimagem, talvez porque haja uma imagem de um corpo como padrão, idealizado como normal e tudo o que não se enquadra nesse estereótipo seja considerado errado e que precisa ser “corrigido”.

Nesse capítulo abordaremos o conceito de Narcisismo (FREUD, 1914). Visando discutir a pertinência desse conceito para questões contemporâneas acerca da relação dos sujeitos com seus corpos na cultura somática atual, principalmente diante de expectativas sociais lipofóbicas., uma vez que a autoimagem se tornou uma referência importantíssima no século XXI.

Os corpos parecem ser sempre em sua maior parte dissonantes na cultura vigente. Ainda mais os gordos. Voltaremos a Freud e outros autores para que pensemos sobre o assunto. Freud (1914) utiliza de metáforas para descrever o conceito psicanalítico de narcisismo

Freud (1914) toma o mito grego de Narciso para ilustrar o desenvolvimento psíquico e a economia libidinal nos primeiros anos de vida, a fim de ilustrar a dinâmica relacional entre o bebê e seu Outro:

“Narciso era um jovem de uma beleza incrível e herói do território de Téspias e Beócia. Ele era filho de Cefiso, deus do rio com a ninfa Liriope.

Sua mãe foi a primeira de todas a perguntar sobre o destino do filho para o adivinho Tirésias, dias antes do seu nascimento. A revelação que fez o sábio foi de que o menino teria uma longa vida, desde que nunca olhasse para seu próprio rosto.

Conforme foi crescendo, Narciso se tornou o jovem mais bonito da Beócia e despertava o interesse e a paixão tanto de mulheres quanto em homens. Porém, tudo o que ele tinha de

² Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/brasil-se-torna-uma-superpotencia-da-cirurgia-plastica/>

³ Pesquisa encomendada pela Internacional Society Aesthetic Plastic Surgery. Disponível em: <https://www.isaps.org/wp-content/uploads/2018/11/2017-Global-Survey-Press-Release-br.pdf>

bonito, tinha também de arrogante e, mesmo cheio de pretendentes, se mantinha sozinho, dispensando todos que apareciam, inclusive ninfas e donzelas.

Até mesmo a ninfa Eco, que o viu enquanto descansava em seu bosque, e tinha um amor incondicional por ele foi desprezada, visto que o jovem preferia viver só pois não achava que ninguém fosse digno de seu amor.

Despertando a ira de muitas donzelas, elas recorriam aos deuses, pedindo que dessem uma lição no jovem Narciso, vingando-as. Foi justamente esse desprezo pelos demais que acabou derrotando Narciso.

As ninfas, inconformadas com o desprezo e arrogância do rapaz jogaram sobre ele uma maldição: a de que ele ame com muita intensidade sem poder ter para si a pessoa amada. Nêmesis, a deusa punidora, escutou o pedido das ninfas e decidiu atender. Para isso ela aproveitou uma límpida e cristalina fonte que havia na região, da qual ninguém nunca havia se aproximado.

Então, ao se inclinar sobre essa fonte para beber água, Narciso acabou vendo seu reflexo e ficou extremamente encantado com sua visão. Fascinado pela imagem o jovem analisou cada detalhe do reflexo, contemplando e se apaixonando pelos lindos olhos, lábios, cabelos e tudo mais que via ali, sem saber que era a sua própria imagem refletida.

Encantado pela sua própria imagem e beleza e, sem conseguir alcançá-la, Narciso se deitou no leito do rio e tentou abraçar a imagem, caindo na água e, desta forma, morreu afogado.

Logo depois da sua morte, Nêmesis fez com que nascesse nesse local uma flor amarela com pétalas brancas, à qual chamou de Narciso.”⁴



Figura 8 – Narciso, de Caravaggio (1597)

No mito descrito acima Narciso importa-se muito pouco com o mundo exterior, os gregos já faziam aí, por meio de metáfora, uma advertência a aqueles muito voltados para si próprios, ignorando o mundo exterior. No século XXI é possível ver Narcisos em diversas

⁴ Conto retirado da Wikipedia

situações cotidianas. Como por exemplo nas *selfies* tiradas diariamente por muitas pessoas, ou mesmo nos reflexos de lojas e espelhos de elevadores, onde as pessoas começam a se olhar sem nem mesmo conseguir enxergar quem está por perto, a imagem de referência tem sido a própria imagem refletida no vidro ou espelho.

A partir do mito de Narciso, Freud avança em sua teoria, com seus estudos sempre embasados em sua prática clínica e conclui, em 1914, que o narcisismo é um estágio comum no desenvolvimento sexual humano em geral, e não somente no caso da homossexualidade, como havia pensado anteriormente.

Segundo Freud (1910), os investimentos libidinais podem ser direcionados ao próprio ego ou aos objetos.

Freud (1905) traz um conceito importante em sua obra *Os três ensaios sobre a sexualidade*, o conceito de pulsão. Define as pulsões como forças psíquicas que fazem com que o sujeito se movimente, faz com que ele aja, é uma força motriz. Essas forças ele divide em duas: pulsão de vida e pulsão de morte. A primeira corresponde às emoções e aos sentimentos que motivam o sujeito a seguir desejando, ou seja vivendo. A segunda estaria relacionada às energias opositoras, ou seja, aquelas que determinam padrões de auto sabotagem e desgaste emocional. A libido poderia ser descrita da seguinte forma:

“a libido é originada numa pulsão de vida e funciona como uma força propulsora que não se restringe aos aspectos fisiológicos, estendendo-se ao campo psíquico e emocional. Tal força estaria presente em todo o aparato mental do sujeito, passando pelo Id, o Ego e o Superego.” (Blog da SBPI, 2018)

A respeito do Narcisismo, Freud (1914) divide em duas fases: Narcisismo primário, que consiste na fase da infância que antecede a formação do ego e é caracterizada pela ausência de relações objetais. Nessa fase, entendida como anobjetal, todo o investimento libidinal do bebê é feito no seu próprio corpo, quando satisfaz suas pulsões parciais por meio das zonas erógenas a elas correspondentes. A esse estado de satisfação em si mesmo, Freud denominou de narcisismo primário. No entanto, o estado de satisfação só se mantém com o amor dos pais, ou seja na presença do(s) outro(s). É somente na presença do outro que a criança consegue fazer essa transição, o bebê precisa que os pais façam um investimento libidinal para que possa se constituir plenamente. Para que esse bebê possa investir sua libido em objetos, além dele próprio.

É depositada na criança a possibilidade de recuperar para os pais todos os privilégios que estes foram obrigados a renunciar, e a realizar os sonhos e projetos nos quais eles fracassaram. Este lugar, no qual os pais costumam colocar o filho, Freud chamou de “Sua

Majestade, o Bebê” (Freud, 1914). Assim, no que depender do desejo dos pais, a criança não experimentaria perdas e nem sofrimentos, mas esse estado de aparentemente perfeição e completude, entretanto, está inevitavelmente fadado a ser interrompido, podendo a criança não ascender como sujeito. Com efeito, desde cedo, a criança está exposta às exigências do ambiente assim como os seus pais e aos poucos, a criança se dará conta de que não é tudo para a sua mãe, de que esta também tem outros interesses.

Dessa forma que a criança entra no segundo estágio de narcisismo, que Freud nomeou como narcisismo secundário, porque a libidinização sai dos objetos a partir dos processos de identificação com as figuras parentais ou seus representantes. Tanto os traços do narcisismo primário como os do narcisismo secundário irão constituir a personalidade e acompanhar o indivíduo durante toda a sua existência.

Segundo Freud em *Introdução ao Narcisismo* (1914) a questão edipiana tem toda a importância nessa questão do investimento narcísico e libidinal. O Complexo de Édipo foi um conceito criado por Sigmund Freud e em diversos momentos vai abordando o assunto em sua obra.

Freud utiliza-se do mito grego de Édipo Rei para ilustrar o amor da criança e dos seus pais, ou seja, de todo o processo inconsciente implicado nessa dinâmica família. A esse processo, extremamente importante para o desenvolvimento do aparelho psíquico, ele denominou Complexo de Édipo. Para entendermos melhor como esse processo se dá, segue o mito que o inspirou:

“Laio, rei da cidade de Tebas e casado com Jocasta, foi advertido pelo oráculo de que não poderia gerar filhos e, se esse mandamento fosse desobedecido, o mesmo seria morto pelo próprio filho, que se casaria com a mãe.

O rei de Tebas não acreditou e teve um filho com Jocasta. Depois arrependeu-se do que havia feito e abandonou a criança numa montanha com os tornozelos furados para que ela morresse. A ferida que ficou no pé do menino é que deu origem ao nome Édipo, que significa pés inchados. O menino não morreu e foi encontrado por alguns pastores, que o levaram a Polibo, o rei de Corinto, este que o criou como filho legítimo. Já adulto, Édipo também foi até o oráculo de Delfos para saber o seu destino. O oráculo disse que o seu destino era matar o pai e se casar com a mãe. Espantado, ele deixou Corinto e foi em direção a Tebas. No meio do caminho, encontrou com Laio que pediu para que ele abrisse caminho para passar. Édipo não atendeu ao pedido do rei e lutou com ele até matá-lo.

Sem saber que havia matado o próprio pai, Édipo prosseguiu sua viagem para Tebas. No caminho, encontrou-se com a Esfinge, um monstro metade leão, metade mulher, que atormentava o povo tebano, pois lançava enigmas e devorava quem não os decifrasse. O enigma proposto pela esfinge era o seguinte: Qual é o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio dia e três à tarde? Ele disse que era o homem, pois na manhã da vida (infância) engatinha com pés e mãos, ao meio-dia (idade adulta) anda sobre dois pés e à tarde (velhice) precisa das duas pernas e de uma bengala. A Esfinge ficou furiosa por ter sido decifrada e se matou.

O povo de Tebas saudou Édipo como seu novo rei, e entregou-lhe Jocasta como esposa. Depois disso, uma violenta peste atingiu a cidade e Édipo foi consultar o oráculo, que respondeu que

a peste não teria fim enquanto o assassino de Laio não fosse castigado. Ao longo das investigações, a verdade foi esclarecida e Édipo cegou-se e Jocasta enforcou-se.”⁵

Aos primeiros momentos de vida do bebê, este e a mãe formam um único ser, a criança indiferencia o que é o seu corpo e o que é o corpo da mãe. O seio de sua mãe é uma fonte de alimento e prazer, ou seja, de necessidade e de aconchego. Com o passar do tempo a criança, através da entrada cada vez maior do pai na dinâmica familiar, vai entendendo que é preciso um afastamento, que sua proximidade com essa mãe tem limites, que existe um terceiro e que faz-se cumprir a lei. A partir daí a criança vai em busca outros objetos, tendo em vista que a mãe não pode fazer um par com ela. Pode-se concluir aí que também se dá a passagem da primeira fase do narcisismo para a segunda.

1.2 Cultura somática

Jurandir Freire Costa (2004) diz que o corpo se torna uma referência importante na constituição da identidade do homem contemporâneo. Desde a antiguidade até a burguesia romântica, época esta em que primeiramente os valores trazidos da cultura cristã estavam mais impregnados na cultura, a identidade passou a se constituir a partir da intimidade, apoiada na ideia da existência de um eu interior, desvinculado das necessidades biológicas, aproximando assim os homens dos animais. O corpo era visto como sede do desejo e de impulsos agressivos que deveriam ser contidos em nome da evolução sentimental, moral e espiritual do homem.

Pode-se entender que existem dois tipos de identidade desde a antiguidade:

1 - Na tradição política ou guerreira da Antiguidade Clássica o corpo físico era percebido como instrumento mecânico a serviço da ação ou como empecilho para que a alma alcançasse a essência da unidade ordenadora do mundo. O homem superior e virtuoso agia por meio do corpo ou contemplava a realidade com a Razão, mas nada do que fazia ou pensava de mais nobre dependia dos aspectos biológicos, considerados inferiores.

⁵ Conto disponível em: <https://filosofojr.wordpress.com/2008/09/30/o-mito-de-edipo-rei/>

2 - Na educação burguesa intimista e sentimental, entretanto, o corpo físico era visto como uma ameaça à delicadeza da interioridade psicológica e, por isso, subordinou-se o aprimoramento físico ao aprimoramento sentimental. Para tanto, o corpo e seus sentidos foram submetidos a rigorosas disciplinas sexuais, intelectuais, higiênicas e regras de etiqueta.

O sujeito físico era, assim, a pedra bruta da qual devia surgir o sujeito sentimental (COSTA, 2004) em que conhecer a si era olhar metaforicamente para dentro de si, para as paixões, para os desejos, para os movimentos de interioridade. Se de um lado essa cultura burguesa intimista e sentimental gerou boa parte do melhor que a literatura ocidental e pensamento, novos conhecimentos e novas formas de representações, de outro, ela gerou opressão, já que as pessoas precisaram domesticar seus impulsos, se controlar, conter sentimentos, neste momento a livre expressão não era vista com bons olhos. Seria preciso se conter, por isso podemos entender como uma opressão.

Essa crise da cultura intimista e sentimental é entendida por Costa (2004) como um dos fatores que contribuíram para a ascensão da cultura somática a partir da segunda metade do século XX. Esta cultura caracterizada pela particularidade da relação entre a vida psicológico-moral e a vida física (COSTA, 2004) trata da criação de modelos ideais de sujeito baseados no desempenho físico bem como de novos valores a partir de regras higiênicas e de regimes de ocupação do tempo.

A segunda metade do século XX, consiste em uma sobreposição de valores, o que acaba por causar a crise acima citada, segundo Ortega e Zorzaneli (2010).

Tivemos até então uma busca pelo prazer, uma identidade hedonista trazida por uma cultura intimista, fomentada pelo capitalismo, afirmando: “usufrua de tudo que te dê prazer, quanto mais melhor, por outro lado temos a preocupação com a saúde”. Ou seja, há uma dupla mensagem: há a valorização da interiorização, da busca pelo prazer devido à educação burguesa intimista, um culto à personalidade, não mais o homem público (político), mas o homem na sua intimidade, com seu núcleo familiar fica em evidência na cultura vigente. As personalidades passam a ser mais importantes do que os seus feitos.

A saúde a ser considerada como um valor passa a existir como algo que precisa ser almejado por todos. Todas as pessoas precisam se preocupar com suas taxas sanguíneas e possíveis doenças, inclusive o Estado também toma para si a responsabilidade de cuidar da saúde da população, não por se preocupar com as pessoas simplesmente, mas para assim capitalizar o bem-estar, pois quanto mais trabalhadores saudáveis existirem, maiores serão as produções. Há todo um entendimento da saúde como algo a ser almejado.

A citação abaixo descreve bem como o sofrimento psíquico tem se dado na cultura somática:

“A tendência à somatização e externalização da subjetividade inclui tanto o campo da normalidade quanto o da patologia. No primeiro, está o homem considerado saudável, que passa a desenvolver uma série de preocupações físicas e estéticas, desde o controle de índices metabólicos até a busca de padrões de beleza e longevidade. Já no território das patologias, aparecem novas modalidades de sofrimento físico e mental, nas quais se destacam sofrimentos somáticos, tais como anorexias, bulimias e adicções de todos os tipos. ” (ORTEGA e ZORZANELLI, 2010)

Descartes (2002) afirmava haver dualidade entre mente e corpo, propondo explicitamente uma hierarquia entre essas duas partes do ser, de modo que foi só a partir da fenomenologia, que aspectos da corporeidade puderam ser reconhecidos como modalidades de um conhecimento semelhante ao saber conceitual, só que de outra ordem. Foi a partir desse momento que essa equação se inverte e o corpo passa a ocupar um lugar de destaque na relação com o meio, antecedendo o surgimento dos aspectos mentais e possuidor de intencionalidade. A partir deste momento o corpo passa a protagonizar a ordem social e moral da cultura contemporânea, o que dá a base para os ideais da “cultura somática” (COSTA, 2004), que tem no culto ao corpo e na valorização da aparência um de seus principais valores. É fato que há prejuízos causados pela idealização do corpo próprio em virtude de modelos externos inatingíveis, sobre os sofrimentos impostos (ou auto impostos) para alcançar esses ideais e sobre as conseqüentes imagens corporais, algumas da ordem do impossível, decorrentes dessas experiências.

Jurandir Freire Costa (2004) também fala sobre como essa cultura somática funciona “em parceria” com a *sociedade do espetáculo*, de Debord (1968). A mídia dita regras de como se comportar, como agir, como um corpo deve fazer para parecer saudável, pois o dilema do ser humano não seria mais entre “ser” e “ter”, mas sim entre “ser” e “parecer”. Há então uma busca pelo corpo perfeito e aparentemente saudável, um ideal a se seguir.

Os distúrbios de autoimagem nunca afetaram tantas pessoas como nos dias atuais, alguns teóricos chegavam a colocar que somente pessoas psicologicamente mais frágeis poderiam ser afetadas por diversos distúrbios de autoimagem, como por exemplo: Fisiculturismo compulsivo, as bulimias, as anorexias, as compulsões por próteses ou repetidas cirurgias plásticas arriscadas. Porém não é mais essa a realidade que tem se apresentado no mundo contemporâneo, pois um número cada vez maior de pessoas tem sido afetadas.

Ao encerrar suas *Notas sobre a Cultura Somática*, Jurandir Freire Costa (2004) também se refere à possibilidade do encontro de ideais de desempenho físico menos opressores e alienantes, ressaltando que a serenidade, o equilíbrio e o conforto físico e mental podem ser maneiras de resistir ao gozo:

“resistir ativamente ao dever de gozar sensorialmente imposto pela mídia... o gozar pelo gozar, inconsequentemente pode ser abandonado e o prazer físico adquirir características próximas do prazer sentimental, embora sem os ingredientes psicológicos do sentir intimista burguês” (COSTA, 2004).

A cultura somática tem múltiplas facetas, as pessoas podem permitir ser subjugadas pela moral do espetáculo, ou pode ser um meio para obter uma vida mais justa e mais feliz, é uma escolha a ser feita.

Em “O Mal-estar na Civilização”, Freud (1929) cria uma quebra de paradigmas para o ocidente, ao concluir que o homem possui três fontes de sofrimento e que a origem deste está na cultura, ou seja o sujeito esbarra aos limites impostos no contato do homem com seus iguais. Freud destaca os seguintes pontos como criadores de mal-estar:

- 1- A sua impotência e fragilidade perante a natureza. Por exemplo: fenômenos como furacão, terremoto, tsunami etc.
- 2- A fragilidade do corpo. Por exemplo: morte, doenças e limitações de uma forma geral.
- 3- Insuficiência das normas que regulam os vínculos em todas as esferas. Por exemplo; criações de leis e punições para que se estabeleçam limites para cada um, mas muitas vezes isso não é suficiente para impor esses limites.

A segunda fonte citada acima, a fragilidade do corpo é uma condição que aflige muito o homem contemporâneo e que vai ser privilegiada nesse capítulo.

Buscando retardar o envelhecimento, o perecimento do corpo por exemplo, muitas intervenções cirúrgicas são feitas, ou exercícios físicos em demasia. Pode ser interpretado como uma forma de tentar fugir do limite que é imposto para cada um, a finitude, a temida morte.

2

Mídias

“De acordo com um estudo da Academia Americana de Cirurgia Facial Plástica e Reconstructiva, 55% dos cirurgiões plásticos faciais atenderam em 2017 pacientes que queriam passar por cirurgias para aparecer melhor em *selfies*, em comparação com 13% em 2013. O estudo também identificou que 56% dos cirurgiões pesquisados notaram um aumento no número de clientes com menos de 30 anos de idade.”⁶

Percebe-se com esses dados acima que pode haver uma relação entre o modo de circulações de imagens nas mídias e a tendência de transtornos e problemas de autoimagem. Sejam essas mídias as tradicionais, ou as mídias sociais.

O número de cirurgias cada vez maior ano após ano e em pessoas cada vez mais jovens sinaliza que há algo de estranho acontecendo na sociedade. Uma insatisfação constante com seus corpos. Insatisfação esta que está não simplesmente em corpos, mas principalmente uma preocupação excessiva com a aparência ao invés de promoção de saúde.

Debord (1968) em *A sociedade do espetáculo* retrata o modo de funcionamento da cultura de sua época, no fim dos anos 60. Ele definiu o espetáculo como o conjunto das relações sociais mediadas pelas imagens, mas também deixou claro que é impossível a separação entre essas relações sociais e as relações de produção e consumo de mercadorias.

A sociedade do espetáculo corresponde a uma fase específica da sociedade capitalista, quando há uma interdependência entre o processo de acúmulo de capital e o processo de acúmulo de imagens. O papel desempenhado pelo marketing, sua onipresença, ilustra perfeitamente bem o que Debord quis dizer: das relações interpessoais à política, passando pelas manifestações religiosas, tudo está mercantilizado, espetacularizado e envolvido por imagens. Essas imagens criam também um padrão de pensamento, uma forma de influenciar as massas através das mídias. No fim dos anos 60 havia a televisão, os jornais e as publicidades como um todo. Hoje em dia ainda temos a TV e a publicidade promovendo a sociedade do espetáculo. No entanto, com o advento da internet, smartphones, computadores etc., a sociedade do espetáculo ganhou nova dinâmica e novas mídias. A comunicação é mais direta e através de códigos subjetivos captura as pessoas para suas telas.

⁶ Matéria disponível em vários jornais, na internet, inclusive na BBC Brasil: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43910129>

Debord (1968) cunhou a expressão “espetacularização do eu”, ao apontar que no século XX se iniciava um período de superexposição dos seres humanos: suas histórias e suas vivências.

Debord nesse momento parecia prever o que viria, pois com o advento da internet e das redes sociais, o que se vê hoje são as pessoas expondo cada vez mais suas vidas, suas imagens (principalmente as imagens, seus corpos) em momentos corriqueiros de suas rotinas. Tudo isso capitalizado também por empresas interessadas em audiência e vendas de seus produtos. Então temos aí a união de pessoas que se expõem nas redes e influenciam comportamentos, com empresas querendo atrelar sua imagem a aquela pessoa. Para que com isso possa promover sua venda, isso não sem utilizar-se das identificações das pessoas com determinada celebridade ou mesmo alguém comum que comece a colocar sua rotina comum na rede e se transforma em um *digital influencer*, como por exemplo: Kim Kardashian e Carlinhos Maia, respectivamente primeiro e segundo lugar no ranking de visualizações de *stories* do Instagram, ranking esse divulgado pela própria empresa. O que a estadunidense e o brasileiro têm em comum? Ambos expõem suas rotinas nas redes, quase que 24 horas por dia. Cada um deles, a sua maneira, captura a atenção das pessoas, que se identificam com eles.

Kim Kardashian já era uma empresária e estilista bem-sucedida, mas que ficou mundialmente conhecida depois de participar do *reality show* num canal de televisão: *Keeping Up with the Kardashians*. Após a fama na TV veio a fama nas mídias sociais e a transformou numa celebridade. Ela entraria numa categoria de idealização de eu. Se tornou uma referência de moda, beleza e comportamento. Através de suas redes sociais ela acaba ficando mais conhecida, virou uma referência, influencia milhares de adolescentes e mulheres por causa desse tipo de identificação.

Carlinhos Maia por sua vez é um rapaz do interior de Alagoas, de origem humilde, mas que mostrando sua rotina entre moradores de sua cidade, suas conversas entre amigos e vizinhos, fez com que as pessoas se sentissem fazendo parte de seu cotidiano, porque as pessoas comuns se viram nele, se identificaram dessa forma, pois ele vivia como qualquer rapaz de uma cidade pequena brasileira. Hoje, além de ser uma referência para muitos jovens como *digital influencer*, é empresário e comediante, faz shows Brasil afora.

Ambos se utilizam de mecanismos diferentes de produção de identidade virtual e de influência sobre subjetividades.

As marcas, por sua vez, se utilizam dos influenciadores digitais para vender seus produtos, dão presentes, ou mesmo pagam cachês para que as celebridades da internet vendam seus produtos. Elas capitalizam essas pessoas.

Ainda seguindo a lógica de comunicação direta através das mídias sociais, o blogueiro e modelo *plus size* Daniel Grhramm, que possui 10 mil seguidores no Instagram lançou a campanha *#wearebigandtall* (nós somos grandes e altos). Em uma de suas postagens Daniel Grhramm fez uma sátira com uma foto da família Kardashian para uma marca. Chamou amigos (também modelos *plus size*) e um fotógrafo para registrar corpos que geralmente são estigmatizados, mas que nesse caso o efeito foi o de valorização desses corpos. A foto viralizou na internet.



Figura 9 – Campanha *#WeAreBigAndTall* .

Foto: Reprodução/Instagram/Tony Trott. 2018

Com o advento da internet, essa espetacularização ganha contornos mais nítidos e é a partir desse momento que Paula Sibilia em *O show do Eu - A intimidade como espetáculo* (2008) analisa o fenômeno de visibilidade e transformação da vida privada vivenciada pela sociedade contemporânea. O fenômeno de espetacularização da sociedade é focado a partir da introdução das novas mídias, sobretudo as digitais, no cotidiano da população. A “democratização” dos meios, ocasionada com a superação do modelo de comunicação fundado no *broadcasting*, onde havia um emissor para vários receptores, para o fenômeno da comunicação de todos para todos, inicia uma era da comunicação onde todos podem ter “voz”.

Sibilia (2008) traz as novas formas de expressão pela internet como meios de geração de si. Segundo a autora, a liberação proporcionada pela internet com o pensamento de que agora todos podem, gera uma liberação do emissor. Ainda segundo Sibilia essa alteração sai

do eixo da formação do caráter, ligado aos valores internos para o contexto da personalidade, orientado aos efeitos que pode provocar nos outros.

Essa alteração dos valores do caráter para a personalidade está ligada aos valores do capitalismo e seu modo de vida. Institui-se aí a figura da celebridade e o fenômeno do espetáculo como elemento importante desta sociedade (COSTA, 2004) e (DEBORD, 1968). Em um contexto midiático e de envio massificado de imagens, sobretudo pelas mídias digitais, o espetáculo não se relaciona a um conjunto de imagens, mas na conexão ocasionada a partir da relação social entre pessoas mediadas por imagens. Nesta esfera, a internet com seus blogs e canais de interação se mostra um espaço adequado a proporcionar esta interação e conseqüentemente criar o cenário perfeito para o espetáculo. Nesta sociedade do espetáculo, a personalidade passa a existir e se confirmar a partir da exposição em uma tela, proporcionada muitas vezes pela web.

Faz parte da natureza humana o pertencimento, sentir-se parte de grupos, porém o que pode ser observado, como uma marca do século XXI, é a forma como esse “pertencimento” se dá. Há aí uma identificação, mesclada com a necessidade de pertencer a grupos e essa relação está sendo mediada, não de uma forma direta, essa relação se dá através de uma mídia. O corpo nesse caso é tanto um objeto de consumo, como também um ideal a ser alcançado de acordo com a publicidade e mídias sociais, isso por via dessa identificação. (BARBOSA, MATOS e COSTA. 2012).

3

"Gordo?" Reflexões entre Normal e patológico

“A Organização Mundial de Saúde aponta a obesidade como um dos maiores problemas de saúde pública no mundo. A projeção é que, em 2025, cerca de 2,3 bilhões de adultos estejam com sobrepeso; e mais de 700 milhões, obesos. O número de crianças com sobrepeso e obesidade no mundo poderia chegar a 75 milhões, caso nada seja feito.

No Brasil, a obesidade vem crescendo cada vez mais. Alguns levantamentos apontam que mais de 50% da população está acima do peso, ou seja, na faixa de sobrepeso e obesidade. Entre crianças, estaria em torno de 15%.”⁷

A palavra obesidade vem do latim, *obesitas* (“gordura física”, “corpulência”), já obeso é a variação que vem de *obesus* (“ob” muito; “edere” comer), há aí um entendimento de que alguém que coma muito aumentará necessariamente quantidade de gordura corporal ou de tecido adiposo. Essas palavras - “obeso” para definir a pessoa e “obesidade” para definir a doença - são utilizadas pela medicina para definir e categorizar pessoas que possuem peso corporal acima do que é determinado como o peso normal, entram nessa classificação tanto quem tem sobrepeso, como os supergordos. Por esse motivo, hoje estudiosos de *fat studies* como nos mostra Gama e Azize (2019) optam pelo uso das palavras “pessoa gorda” ou “corpos gordos”.

Há o entendimento que a palavra “obesidade” e suas variantes estigmatizam, segregam e causam sofrimento nas pessoas gordas. Porque a sociedade desvaloriza essas pessoas, entende que são pessoas desleixadas, preguiçosas, que não tem força de vontade e que não tem autocontrole sobre seus instintos.

Por esse motivo, evitou-se também o uso dessas palavras nesse trabalho e foram usadas “pessoa gorda”, “corpo gordo” ou “sujeito gordo”, pois o trabalho científico precisa ter a função de comunicar-se com todos, não somente com seus pares.

Canguilhem (2002) em seu estudo sobre os conceitos de normal e patológico, coloca em discussão esses conceitos e nos faz refletir sobre as categorizações dessas duas nomenclaturas em nossa sociedade. Para existir o patológico é preciso estabelecer o padrão de normalidade, é preciso haver uma relação antagônica entre esses dois conceitos. Pensando

⁷ Essas informações foram encontradas no site da ABESO (Associação Brasileira de Estudo Sobre a Obesidade) e nos mostra como o tema tem sido abordado como uma doença, não é difícil encontrá-la descrita como “epidemia” em muitos lugares: <http://www.abeso.org.br/atitude-saudavel/mapa-obesidade>

em peso corporal, será que existe um que seria indicado como normal? É o que muito se discute, esse é um debate multidisciplinar como descrevem em seu artigo Gama e Azize (2019). Áreas como direito, antropologia, sociologia, psicologia, e demais ciências humanas tem debatido sobre esse assunto.

A medicina vem ao longo de sua história aumentando cada vez mais sua importância e influência na definição de conceitos, principalmente partir do século XIX, quando as ciências passam a orientar a humanidade. A medicina ganhou o status de ciência em nossa sociedade, mesmo não sendo considerada uma, mas sim um campo de saber experimental.

Canguilhem (2002) ainda em sua obra mostra sobre o normal e o patológico questiona e diferencia a atividade clínica, no caso específico da medicina, e a produção de conhecimento, atividade teórica, essas duas partes se complementaríamos, mas sem, no entanto, se confundirem, pois partem de pressupostos diferentes. Ele procura fazer uma distinção entre a atividade clínica e terapêutica e a produção de conhecimento propriamente dita. Assim ele nos diz que a medicina “...é uma técnica ou uma arte situada na confluência de várias ciências, mais do que uma ciência propriamente dita (CANGUILHEM, 2002, p.16)”. No entanto, a medicina hoje produz conceitos e dita comportamentos e normas que são difundidos amplamente no social.

Tendo o referencial histórico já citado em capítulos anteriores, onde corpo é tão bem observado e hoje encontra-se no centro das atenções da mídia e propaganda, a pergunta que se faz é: Há espaço para pessoas gordas viverem em nossa sociedade (de forma não-estigmatizada)? Mais ainda: Será que corpos gordos só podem ser “lidos” como estigmatizados e/ou necessariamente patologizados, será que só lhes cabe esse lugar? Para responder a essas perguntas é preciso olhar para o processo de medicalização da obesidade.

O termo medicalização surge no início na década de 1960 no campo da sociologia da saúde e se consolidou como uma grande fonte de interesse e desenvolvimentos de pesquisas, uma vez que se observou que grandes problemas nas vidas das pessoas eram definidos em termos médicos, vários autores desse campo denunciavam a ampliação cada vez maior do raio de ação da medicina, que acabava por ultrapassar o campo tradicional de ação direta sobre doenças que acometem o corpo. Gaudenzi e Ortega (2012); Maria Aparecida Moyses (2017); Zarzonelli, Ortega e Bezerra Júnior (2014) abordam esses assuntos em seus trabalhos.

Gaudenzi e Ortega (2012) falam bem sobre o processo crescente de medicalização e um primeiro processo para desmedicalizar.

“Historicamente, os estudiosos da medicalização preocuparam-se em denunciar o crescente uso da racionalidade médica para abordar problemas de ordem socioeconômica-cultural, prática

esta que ocasionaria a chamada culpabilização da vítima (victim blaming) [...], onde o foco do problema deslocar-se-ia do problema objetivo em si - suas causas e implicações - para se concentrar no aspecto subjetivo do indivíduo. Trata-se de uma ideologia que culpabiliza o indivíduo pela sua doença e propõe que, ao invés de confiar a responsabilidade das doenças aos serviços médicos caros e ineficientes ou à falta de condições dignas de vida, o indivíduo deve assumir uma maior responsabilidade por si e por sua saúde.

Apesar da importância crucial da crítica social trabalhada nestes estudos, os mesmos permanecem com o foco que, tradicionalmente, a maioria dos estudos da medicalização desenvolve: o efeito do poder sobre o indivíduo, abordando pouco - ou não abordando - o papel dos indivíduos, dos movimentos sociais e das organizações dos pacientes como atores ativos no próprio processo da medicalização. ” (GAUDENZI E ORTEGA, 2012)

O discurso da medicalização faz com que fatos da vida, formas de ser que seriam naturais na vida de uma pessoa possam ser “solucionados” através de uma intervenção externa, como por exemplo: Uma criança que tem dificuldade de se concentrar em aula e que vai num médico e recebe como solução medicamentos para que se concentre. A medicina tem um papel importante nesse processo de medicalização, pois ela dá o diagnóstico e determina o que é doença ou não. Seu discurso perpassa pela sociedade como um todo, é uma espécie de balizador, é ela quem valida, mas o discurso vai ser difundido por outras áreas também, homogeneizando assim o pensamento comum, esse é o *modus operandis* da medicalização, inclusive, homogeneizar para então naturalizar a prática.

Estigma é uma palavra que já era usada na sociedade desde a Grécia Antiga, porém, a partir da década de 60 do século XX, com Goffman (1988), que acrescentou a ela conceitos que fazem com que a sociedade participe desse processo de formação.

Estigmas: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (1988), de Goffman, é o fundamento e o estímulo de diversos outros trabalhos. Goffman (1988) coloca que a pessoa estigmatizada possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter; e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm para com o estranho que aparece a sua volta, portanto, são exigências e imputações de caráter, feitas pelos normais, quanto ao que o estranho deveria ser. Deste modo, uma dada característica pode ser um estigma, especialmente quando há uma diferença específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Os rótulos sociais propiciam a existência e uma separação delimitada de dois grupos: nós e eles. O “nós” se caracteriza por todos os valores que constroem a visão de um ser humano “normal” expressada pela ideologia dominante da sociedade. O “eles” é caracterizado pelas pessoas que são diferentes do “nós”, e, portanto, são as rotuladas negativamente. Goffman denominou tais grupos de “normais” e “estigmatizados”.

O que precisa ser questionado é se somente observando um corpo gordo pode-se alegar que é um corpo doente, sem exames, sem comprovação de nada. Não seria esse um preconceito? Uma lipofobia? Não estaria o termo “obesidade” estigmatizando (Goffman, 1988) a pessoa gorda? Estigma esse carregado de símbolos, que atravessam o sujeito por toda uma vida, deixando marcas não somente na sua subjetividade, como em seu corpo. O social o marca e categoriza, o rotula.

É possível inclusive fazer uma ligação entre o que traz Canguilhem (2002) com normal e patológico e o que traz Goffman (1988) acerca do estigma. Pode-se afirmar que nem todo corpo gordo é uma expressão de patologia, ou seja, a ideia socialmente difundida de que todo corpo gordo é necessariamente patológico é baseado em estigma. Pois está se pensando não através de condições clínicas, no sentido da normatividade vital daqueles corpos, mas a partir de julgamentos morais, ou seja, a partir de estigmas.

O corpo gordo parece não ter vez na sociedade contemporânea, ele precisa ser emagrecido. Não cabe em aviões, ônibus, cinemas etc... Existem relatos de pessoas que não conseguem trabalho por serem gordas, por exemplo.

Patologizar entende-se como tratar como doença algo que pode ser entendido como uma forma de ser, de estar no mundo, conforme nos mostra Maria Aparecida Moyses (DESPATOLOGIZA, 2017).

No texto de Gama e Azize (2019) mostra o caso que aconteceu e que pode servir de exemplo para possamos entender o que se passa com muitas pessoas mundo afora. Em 2018 aconteceu o sexto Congresso Internacional de Estigma do Peso, na Inglaterra. Pessoas de diversos lugares do mundo, estudiosos sobre o tema se deslocaram para poder participar desse encontro. O evento, além de discutir temas como acessibilidade, estigmas dentre outros, também se preocupa em promover toda a acessibilidade para que as pessoas se sentissem acolhidas no evento, porém uma palestrante teve que participar via videoconferência, pois não conseguiu se deslocar, não pode ir, por não conseguir poltrona que coubesse seu corpo no avião.

Quando uma empresa aérea não fornece assentos para pessoas com corpos grandes, ela está dizendo implicitamente que não há lugar para ela ali, ela não é normal, ela que se adeque, ou não se desloque. Pode ser observado que nem o departamento jurídico se importam com o assunto, nem as empresas que fazem os aviões e nem as empresas aéreas que vendem as passagens aéreas.

Ser gordo numa cultura lipofóbica, onde o culto da magreza prevalece no discurso e as celebridades estão aí para personificar essa “ditadura da magreza” não é nada fácil e pode-se ouvir muito sobre isso nos consultórios.

Como já pudemos pensar anteriormente, inclusive com exemplo real, podemos constatar que pessoas gordas são muito estigmatizadas, como nos mostra Neves e Mendonça (2014) em seu estudo sobre o movimento *Fat Pride*. Este movimento visa reverter os efeitos dessa estigmatização crescente. Originário dos Estados Unidos, o movimento *Fat Pride* busca a aceitação e reconhecimento social de pessoas gordas uma luta contra a discriminação. Progressivamente, o movimento *Fat Pride* se espalhou pelo mundo e no Brasil se tomou contornos mais consumista do que original sentido do movimento, que luta por direitos (NEVES e MENDONÇA, 2014). O movimento faz pensar se não seria um preconceito acreditar que uma pessoa gorda seria necessariamente doente, pois essa opinião nem sempre é baseada em evidências, há também outros julgamentos, como se a pessoa gorda não tivesse força de vontade, fosse preguiçosa, desleixada etc...

No Brasil o movimento tem focado muito mais em produtos que possam ser adquiridos, o discurso capitalista despolitizou um pouco o movimento por aqui. Ter roupas que caibam em corpos grandes é um fator importante, mas o movimento originalmente pode ser muito maior do que isso, ter muito mais relevância.

Numa sociedade extremamente lipofóbica como a ocidental não surpreende que a medicalização de corpos gordos aconteça. Há estudos que consideram o uso cada vez mais frequente da cirurgia bariátrica, como um expoente deste discurso (NEVES e MENDONÇA, 2014).

É inegável que existem pessoas que precisam de tratamento e que o ganho de peso excessivo pode ser um problema grave, podendo causar diversos tipos de transtornos na vida do sujeito. Nesses casos é preciso tratamento, fazendo com que a pessoa consiga um prolongamento de vida e ganho em qualidade de vida como é o caso supergordos e de alto risco.

Tratamento é diferente de medicalização. A cirurgia bariátrica e/ou o uso de medicamentos tem sido utilizados para auxiliar pessoas super gordas e podem salvar vidas, merecem todos os méritos.

A cirurgia bariátrica pode ser um caminho, um tipo de tratamento, mas será que a técnica não está sendo utilizada de forma extensiva? Para tratar muitas vezes pessoas com

sobrepeso, por exemplo? O Brasil segue em segundo lugar num ranking mundial dos países que mais realizam esse procedimento, ficando atrás somente dos Estados Unidos⁸

Em nenhum momento a intenção deste trabalho é estimular que as pessoas engordem, ou que não se preocupem com a saúde. A psicologia embora tenha suas raízes principalmente nas ciências humanas, faz um elo com a área médica no cuidado com a saúde, principalmente considerando a saúde mental e o profissional precisa ter a saúde com um princípio. O que está sendo proposto é uma reflexão sobre qual lugar está destinado para pessoas gordas na sociedade, que por natureza precisa ser plural. Pensar como um discurso que transforma peso corporal automaticamente em doença pode ser danoso para todos, são inúmeros casos onde a lipofobia causa sofrimentos psíquicos, estes começam geralmente na infância e adolescência, mas acometem pessoas de quaisquer idades.

Uma pessoa pode se tornar gorda por muitos fatores, podem ser estes hormonais, genéticos, alimentares, psicológicos, econômicos e políticos.

Nem sempre o sujeito consegue ter controle sobre o seu peso, mas é exigido em nossa sociedade que se tenha, pois caso contrário o sujeito é julgado de diversas formas.

Paula Sibilia (2002) denomina “homem pós-orgânico” aquele homem que busca transcender sua condição humana, sua finitude, isto é trazido, segundo a autora, pelas tiranias do upgrade que almejam potencializar ao máximo as capacidades do corpo biológico. Este, por sua vez, é considerado obsoleto frente à evolução tecnológica e para driblar esse impasse se utiliza a tecnociência. Pode-se entender esse homem pós-orgânico como um efeito, uma forma de medicalização, dessa vez com uma ideia de um aprimoramento do corpo humano natural, que funciona, segundo essa lógica pós-orgânica.

O futuro passa a ser programado pela eliminação das imprevisibilidades, como ilustra o Projeto Genoma Humano que promete “[...] proezas como desprogramar as doenças e a própria morte, anular o envelhecimento e desativar a dor” (Sibilia, 2002, p. 123). Ou seja, coloca novos limites no processo de medicalização estabelecidos, por exemplo, pela genética médica, apontam para um projeto oposto ao da finitude, a proposta é o da eternização. Proposta essa que Freud (1929) já descrevia como uma das causas de mal-estar na civilização: A fragilidade do corpo com as doenças que o acometem e a dificuldade do ser humano em lidar com a morte, a não aceitação da finitude. Freud apresenta-se extremamente atual, esses conflitos humanos não existem sem imensa angústia.

⁸ Informações da Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica: <https://www.sbcbm.org.br/numero-de-cirurgias-bariatricas-no-brasil-aumenta-467/>

Partindo dos pressupostos da genética já estão sendo feitas pesquisas onde seria possível eliminar o gene de pessoas potencialmente gordas e, portanto, seria possível “curar” pessoas gordas. Estudos⁹ estes feitos por universidades americanas como Harvard e MIT.¹⁰ O que corrobora com o que Sibilía cita acima e coloca em seu livro *O Homem Pós Orgânico*.

Buscar a “cura da obesidade” através da genética é um exemplo do efeito de um discurso medicalizante, que não observa decisões políticas por exemplo, de estimular certa cadeia de produção de alimentos, em detrimento de outras, ou não taxar refrigerantes. Coloca-se a responsabilidade toda no sujeito e não se fala sobre o que o cerca. São diversos os fatores que levam as pessoas a engordarem, não somente o genético.

Seria essa mais uma forma de medicalização a ser desenvolvida? Não permitindo mais ao corpo ser gordo, baixo, etc...? Não seriam permitidas as diferenças. Tendo em vista os padrões de beleza impostos pela cultura contemporânea.

Podemos indagar se a digitalização do corpo (aquele que fica exposto em telas, principalmente a dos celulares) e a evolução artificial (SIBILIA, 2002), o que anuncia a neurobiologia, a psiquiatria biológica e o comportamentalismo não estão colocando em xeque a própria figura do homem que foi construída e, portanto, pode ser desconstruída. Ou seja, a concepção do conceito homem, do pensamento humanista, isso tudo seria desconstruído e algo seria colocado nesse lugar. No entanto, diferente da a evolução natural das espécies que Charles Darwin tanto estudou, se trata de uma evolução artificial, como o funcionamento de um corpo “cyborg”, que pode ser “aperfeiçoado” promovendo dessa forma um aprimoramento desse corpo, o elevando a uma categoria superior, como o dito anteriormente, conforme Sibilía (2002) descreve.

⁹ Informações sobre estudos encontrados no site do MIT e Harvard: <https://news.harvard.edu/gazette/story/2019/04/new-tool-calculates-genetic-risk-for-obesity/> <http://news.mit.edu/2015/pathway-controls-metabolism-underlying-obesity-0819>

¹⁰ Informações encontradas em revista Exame: <https://exame.abril.com.br/ciencia/cura-para-a-obesidade-pode-estar-proxima-sugere-estudo/>

Conclusão

Buscou-se nesse trabalho falar sobre a lipofobia, sobre como ela é difundida no século XXI, mostrar as influências culturais nas subjetividades das pessoas também.

O corpo sempre teve importância na história de humanidade, em graus maiores ou menores, porém sua forma de representação foi se alterando. O corpo já teve seu lugar de destaque como mostram Vigarello (2012) e Del Priore e De Sá Freire (2005), é preciso entender o passado para saber como chegamos no século XXI, século este em que há a extrema valorização do corpo, porém esse corpo precisa ser magro.

Freud (1914) ao, brilhantemente, escrever sobre o Narcisismo faz com que entendamos o processo de libidinização do corpo, para que pudéssemos compreender esse processo, como tem se dado do privado de cada um, para o social. Quando o sujeito não evolui para o estágio secundário do narcisismo, essa energia fica canalizada para o próprio sujeito, este acaba ficando muito preso ao seu próprio corpo, seu próprio eu, sua energia não volta-se para fora, pode ser até pensado que vivemos em uma sociedade cada vez mais marcada por esse traço narcísico. Não surpreende que cada vez mais pessoas sejam acometidas com transtornos alimentares.

Jurandir Freire Costa (2004) vem a contribuir com Freud e traz para o texto a cultura somática, que cultua o corpo, mas este tem que ser aparentemente saudável, o ser não tem tanta importância como o parecer saudável. Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1929) aborda a questão da fragilidade do corpo como uma das fontes de mal-estar na humanidade, sentimento esse vindo da cultura e o que nos faz refletir sobre como o homem tem lidado com suas limitações.

A cultura somática não acontece sem a contribuição da *Sociedade do Espetáculo* que primeiramente Debord (1968) estuda no fim dos anos 60 com seus veículos de comunicação como televisão, jornal, etc... Sibília (2004) atualiza esse conceito para o século XXI, com o advento da internet e mídias sociais, onde todos podem interagir com todos, influenciar e ser influenciado digitalmente, diferentemente da época de Debord, onde os veículos de comunicação somente enviavam suas mensagens para os receptores, não havia interações múltiplas como nos dias de hoje.

Na contemporaneidade há uma busca infinita por novos exemplos aperfeiçoados e exemplos de vida, não mais se buscam líderes. A vida íntima gera muito interesse e repercussão no ambiente público, a conversão do privado para o público acontece de forma bem rápida e por vezes o privado pode tomar uma proporção tão grandiosa que por vezes supera a importância dos feitos de um político, por exemplo. Há também uma ‘glamourização’ das celebridades, pessoas essas que viram referência de comportamento, tendências, moda e pensamento na sociedade contemporânea.

Canguilhem (2002) faz refletir sobre a que ponto a repetição do discurso em voga de que corpos gordos são como corpos doentes, corpos obesos, pode ser danoso para todos, pode ser fonte de sofrimento psíquico e trazer consigo muita lipofobia. Os conceitos de normal e patológico são discutidos pelo autor e nos ajuda a pensar sobre pessoas gordas segundo esse conceito.

Pessoas gordas tem sido extremamente estigmatizadas (Goffman, 1988), são vistos como uma parcela da sociedade que tem vivido com grandes marcas subjetivas. Possuem dificuldades de conseguir trabalho, namorar e são impedidos de ir e vir, pois não há lugares em aviões, ônibus, etc... Que caibam seus corpos. Fora o julgamento das pessoas, de que gordos são desleixados e que não tem força de vontade.

Circula na cultura a hipervalorização de corpos magros e que corpos gordos precisam se emagrecidos, pois fogem do “normal” e tudo que foge desse ideal pode ser considerado como patológico, observa-se por esse motivo um processo de medicalização de corpos gordos, como traz Zorzarelli, Ortega e Bezerra Jr (2014). A medicalização é então questionada, pois nem todo corpo gordo pode ser necessariamente considerado um corpo doente, sem que se examine clinicamente aquele sujeito.

Sibília (2008) traz em seu livro *O homem pós-orgânico* o que se pode entender como uma forma de medicalização também, pois a ideia de aprimorar o corpo humano com próteses artificiais para que este não sofra com limitações impostas por corpos “analógicos”, ou seja orgânicos, ou que futuramente consigam alcançar a imortalidade. Sibília em seu texto dialoga com a proposta de Freud em *O mal-estar na civilização*, onde mostra a inconformidade do homem com seus limites de seres vivos, animais que inevitavelmente são, que nascem, crescem, desenvolvem-se e morrem.

Na contramão da libofobia, como uma reação a essa pressão social, vem o movimento *Fat Pride* conforme colocam Neves e Mendonça (2014), para dar voz e lugar a essas pessoas que muitas vezes sofrem abusos e desrespeitos, como por exemplo das empresas aéreas que agora querem começar a cobrar taxa extra para pessoas gordas.

Movimento este que vem na contramão da cultura vigente e que busca conquistas participando ativamente do processo político, cobrando políticas públicas, conscientização e se organizando. Com essas ações quem sabe a sociedade acaba se conscientizando que poderia ajudar a combater também a discriminação, a lipofobia, não deixando somente um grupo sozinho lutar contra injustiças.

O objetivo principal desse trabalho foi para que refletir tanto os profissionais de psicologia, demais profissionais da área de humanas e médicas, bem como a sociedade como um todo possa entender pelo que passa uma pessoa gorda, quando categoriza-se, rotula como patológico um corpo gordo, simplesmente por ele assim ser. Perpetuando-se estigma, preconceito e enfim um sofrimento psíquico desnecessário.

Quanto mais fala-se sobre a cultura lipofóbica, a patologização, a estigmatização e a medicalização, melhor, quanto mais pessoas falarem sobre o assunto, melhor para todos. Quem sabe assim pode ser feito o caminho inverso, o de incluir e acolher todas as pessoas, independentemente de seu peso.

Referências

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena Matos; COSTA, Maria Emília. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicologia & Sociedade*; nº 23, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf> . Acesso em 23 nov 2019.

BLOG DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE INTEGRATIVA. **O que é libido? Veja o que a psicanálise diz sobre o assunto!**, 2018. Disponível em: <http://blog.sbpi.org.br/o-que-e-libido-veja-o-que-psicanalise-diz-sobre-o-assunto/>. Acesso em: 02 dez 2019.

COSTA, Jurandir Freire. Notas sobre a cultura somática. In COSTA, Jurandir .Freire. **O vestígio e a aura – Corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DEBORD, Guy (1968). **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DEL PRIORE, Mary; DE SÁ FREIRE, Dirce. **O corpo feminino e o preço da inclusão na cultura contemporânea**. *Mnemosine*. Vol.1 nº1, 2005. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41368/pdf_37. Acesso em: 07 dez 2019.

DESCARTES, René. **Discurso do Método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências**. Tradução de Thereza Chistina Stummer. São Paulo: Paulus, 2002.

DESPATOLOGIZA com Maria Aparecida Moyses. Entrevista com Ana Roxo / Tati Fadel. *Conversa sobre despatologização com a Dra. Maria Aparecida Moyses*. Campinas. 2017. vídeo (16'32 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CR2K51zxDjo>. Acesso em 01 dez 2019.

FREUD, Sigmund (1905). Os três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 7 pp 117-232. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1910). Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I). In S. Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 11, pp. 167-180). Rio de Janeiro: Imago, 1996, P 167-180.

FREUD, Sigmund (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 83-119.

FREUD, Sigmund (1929). O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 81-174.

GAMA, Beatriz Klimeck Gouvêa; AZIZE, Rogerio Lopes. **'Fat studies' e a produção de conhecimento situado: Notas sobre o sexto Congresso Internacional de Estigma do Peso**. *Enfoques*, Rio de Janeiro, Edição Especial XIX Jornada Discente do PPGSA/UFRJ, pp. 1-9, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/download/23913/13596>. Acesso em 25 nov 2019.

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização. *Interfaces (Botucatu)*, v. 16, n. 40, p. 21-34, Mar. 2012.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 01 dez 2019

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ltc, 1988.

NEVES, Alden dos Santos; MENDONÇA, André Luis de Oliveira. **Alteração na identidade social do obeso: Do estigma ao *fat pride***. *DEMETERA: Alimentação, Nutrição & Saúde*, v. 9, n. 3, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/demetra/article/view/9461>. Acesso em 12 ago 2019.

ORTEGA, Francisco.; ZORZANELLI, Rafaela. **A saúde como salvação - contexto cultural da ascensão do corpo como valor na contemporaneidade**. In ORTEGA, Francisco; Zorzaneli, Rafaela. *Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu – A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX**. Petrópolis: Vozes, 2012

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; ORTEGA, Francisco and BEZERRA JUNIOR, Benilton. **Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010**. *Ciênc. saúde coletiva [online]*. Vol.19, nº.6, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000601859&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 nov 2019.